

Crisis y Ruptura Peninsular



Edición de

Carmen M^a Comino Fernández de Cañete, Maria da Conceição
Vaz Serra Pontes Cabrita y Juan M. Carrasco González

CRISIS Y RUPTURA PENINSULAR

III Congreso Internacional de la SEEPLU
(Cáceres, 30 y 31 de octubre de 2013)

CRISIS Y RUPTURA PENINSULAR

III Congreso Internacional de la SEEPLU
(Cáceres, 30 y 31 de octubre de 2013)

Edición de

Carmen M^a Comino Fernández de Cañete, Maria da
Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita y Juan M. Carrasco
González



2014

Cáceres

III CONGRESO INTERNACIONAL DE LA SEEPLU – CRISIS Y RUPTURA PENINSULAR

COMITÉ ORGANIZADOR:

Presidenta - Carmen María Comino Fernández de Cañete
Secretaria – Maria da Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita
Vocal – Juan M. Carrasco González



Centro de Estudos Galegos

EL CONGRESO CONTÓ CON EL APOYO DEL GOBIERNO DE EXTREMADURA Y LOS FONDOS FEDER DE LA UNIÓN EUROPEA.

GOBIERNO DE EXTREMADURA
Consejería de Empleo, Empresa e Innovación



UNIÓN EUROPEA
Fondo Europeo de Desarrollo Regional

Una manera de hacer Europa

© Los autores

© Universidad de Extremadura para esta 1ª edición

Edita:

Universidad de Extremadura. Servicio de Publicaciones
C/ Caldereros, 2 - Planta 2ª. 10071 Cáceres (España).
Tel. 927 257 041 ; Fax 927 257 046
E-mail: publicac@unex.es
<http://www.unex.es/publicaciones>

Patrocina:

SEEPLU (Sociedad Extremeña de Estudios Portugueses y de la Lusofonía)

I.S.B.N.: 978-84-697-1337-2.

Depósito Legal: CC-276-2014.

Índice

Francisco Ivan da Silva – Gregório de Matos e o século XVII	9-45
Xosé Manuel Dasilva – Los vaivenes cronológicos de las traducciones españolas de <i>Os Lusíadas</i>	47-63
Hélio J. S. Alves – Presença da poesia portuguesa no <i>Siglo de Oro</i>	65-80
Manuel Ferro – O bilinguismo na épica portuguesa do período filipino: entre a expressão autonómica, a afirmação identitária e a importância do contexto cultural espanhol envolvente	81-99
Juan M. Carrasco González – Recepción de la obra del padre António Vieira en España y en la América española (siglos XVII y XVIII)	101-118
Carmen María Comino Fernández de Cañete – Construção silogística em <i>Sonetos à Conceição da Virgem N. S.</i>	119-132
Clara Anunciação, Carlos Severino – <i>Os Lusíadas</i> – símbolo nacional de duas culturas	133-147
Adriano Milho Cordeiro – D. António de Ataíde, cerzindo ideias e políticas por terras de Portugal e de Espanha, no tempo dos Filipes	149-163
Carlos Pazos Justo – (Re)visões, ideias e funções acerca do bilinguismo português-castelhano nas primeiras décadas do século XX	165-178
Milton Pedro Dias Pacheco – “De vossa real presença desejada”: Uma apologia político-alegórica a D. Filipe II de Portugal	179-212
Manuel Gama – Pós 1640: Portugal, do “olvido” ao convívio com a Espanha	213-227

Maria da Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita – A “questão ibérica” em António Sardinha	229-240
Fernando Augusto Machado – Portugal e Espanha na balança ibérica: Uma leitura fantasmagórica situada de Almeida Garrett	241-261
Vanessa Riambau Pinheiro – A universalidade e a desvinculação do passado mítico: Os novos rumos da literatura portuguesa contemporânea	263-275
María Eugenia Pedrosa Casares – La enemistad literaria entre españoles y portugueses en <i>As batalhas do Caia</i> de Mário Cláudio	277-287
Marcos Antonio Rodríguez Piris – <i>Trovas do Bandarra</i> : De Trancoso a Pernambuco	289-304
Ana Alexandra Silva, Maria João Marçalo – Das primeiras gramáticas de português língua estrangeira – Os séculos XVII e XVIII	305-318
Anabela Matias, Paulo Osório, Maria da Graça Sardinha – Níveis de literacia em adultos portugueses e respetiva proficiência linguística: um estudo de caso	319-329
Xurxo Fernández Carballido – A competência cultural no processo de ensino e aprendizagem de português língua estrangeira (PLE)	331-341
José Ángel García López – Versões ignoradas das peças <i>A nossa terra é nossa!</i> e <i>Um remédio malfadado</i> de Ricardo Flores Pérez	343-355

CONSTRUÇÃO SILOGÍSTICA EM *SONETOS À CONCEIÇÃO DA VIRGEM N. S.*

Carmen María Comino Fernández de Cañete

Universidad de Extremadura

cmcomino@unex.es

RESUMO

A piedosa crença católica que afirma que a Mãe de Cristo foi concebida sem pecado original alcança grande realce em Portugal no século XVII. A poesia portuguesa seiscentista revela essa devoção à Imaculada Conceição através de numerosos poemas à Virgem preservada de todo o pecado. Os poemas contidos em *Sonetos à Conceição da Virgem N. S.* de André Nunes da Silva, publicados parcialmente em *Poesias Várias*, 1671, são significativos dessa devoção. Nesta comunicação proponho-me analisar vários sonetos atendendo às figuras de linguagem, particularmente às construções silogísticas usadas pelo autor acima mencionado.

PALAVRAS-CHAVE: poesia portuguesa; Nunes da Silva; silogismo; Imaculada Conceição.

ABSTRACT

The Catholic belief which states that Christ's Mother was conceived without original sin achieves great significance in Portugal in the 17th century. Sixteenth century Portuguese poetry reveals this type of devotion to the Immaculate Conception through numerous poems to the Virgin kept free of original sin. The poems included in *Sonetos à Conceição da Virgem N. S.* by André Nunes da Silva, partially published in *Poesias Várias*, 1671, show that type of devotion. In this paper several sonnets will be analyzed focusing on the figures of speech, especially the syllogistic constructions used by the above mentioned author.

KEYWORDS: Portuguese poetry; Nunes da Silva; syllogism; Immaculate Conception.

1. Introdução.

Devo adiantar, em primeiro lugar, que a comunicação que apresento neste III Congresso da SEEPLU faz parte de uma pesquisa ainda em curso sobre os usos da lógica silogística em poemas barrocos e suscetível, portanto, de ser revista. Gostaria igualmente indicar que os *Sonetos à Conceição da Virgem N. S.* foram escritos por André Nunes da Silva (1630-1705) e publicados, pela primeira vez, num opúsculo com apenas trinta sonetos [8.º, 19 f.], intitulado *Voto metrico e anniversario á Conceição da Virgem Nossa Senhora*, impresso em Lisboa por Manoel Lopes Ferreira em 1695 (BNP, 3523//1P). A obra aparece mencionada, por exemplo, na *Biblioteca Lusitana*, de Barbosa Machado (1741: I, 157-158) e no *Dicionário Bibliográfico Português* de Inocêncio Francisco da Silva (1858-1878: I, 64)¹⁷. Este *Voto métrico*, é uma edição tão rara que Barbosa Machado comenta a propósito dela: “Desta obra se lembra o P. António dos Reys no seu *Enthus. Poetic.* nº. cento e oitenta e oito”. Maria Lucília Gonçalves Pires (2003: 209), grande estudiosa do barroco português, refere a obra de Nunes da Silva como “um volume com trinta sonetos à Imaculada Conceição” (1695), mas também não indica local nem impressor.

Saiu uma segunda edição publicada igualmente em Lisboa por “Pascoal da Silva, impressor da sua Magestade” em 1716, formato *in quarto*. Contém vinte sonetos mais do que a primeira edição. O compilador destes poemas, João Pereira da Silva, deu a conhecer que Nunes da Silva deixara “já patentes na luz da estampa trinta sonetos” (1716: s. p.) e que compusera ainda mais

¹⁷ “André Nunes da Silva pertence como poeta á eschola hespanhola”. A maioria dos dados oferecidos no verbete P. André Nunes da Silva, procedem de D. Thomas Caetano de Bem, nas *Memórias Hist. e Chron. Dos Clérigos Regulares*, tomo I, p. 464 a 492; e Canaes nos *Estudos Biográficos*, p. 321; José Augusto Salgado, *Bibi. Lusit. Escolhida*.

dez poemas, que não tinham sido publicados até aparecer esta segunda e mais completa impressão dos sonetos à Conceção de Maria. Esta edição, em que se incluem os “Trinta Sonetos de André Nunes da Silva” já publicados, mais dez inéditos do mesmo autor e mais outros dez sonetos ao mesmo mistério, escritos pelo Padre D. Manuel Tojal da Silva, contém no frontispício o título de *Cincoenta sonetos à Conceição de Maria*. A minha proposta neste estudo sobre a “Construção silogística em *Sonetos à Conceção da Virgem Nossa Senhora*” está baseada nas duas edições, mas cito conforme a segunda edição — que foi mais fácil de consultar e que se encontra localizada no ANTT (nº 3430²² e 3486⁴, de 1716)¹⁸. É precisamente no início desta obra, através da “Notícia ao leitor” escrita por João Pereira da Silva (1716: s.p.), que se toma conhecimento de que o poeta André Nunes da Silva (1630-1705) tencionava publicar não apenas trinta sonetos, mas um total de cinquenta, coincidindo em número com as contas de um terço do Rosário (a reza de devoção mariana por antonomásia que constava de dez contas ou “rosas” em cada Mistério e que multiplicadas pelos cinco Mistérios, perfaziam o número de cinquenta). No intuito de consegui-lo, escrevia todos os anos um soneto português dedicado ao mistério da Conceção da Virgem — e cito palavras de João Pereira da Silva — “provando assim, todos os anos, com este harmónico silogismo igualmente a infabilidade deste singular privilégio, que a especial devoção e afeto com que o autor o adorava [ao puríssimo mistério da Conceção da Virgem]”. Acaba esta “Notícia ao leitor” com o seguinte louvor entusiástico: “Feliz discricção que empregada nos elogios de Maria Santíssima não só soube eternizar a memória, mas canonizar a fama” (Pereira da Silva 1716: s. p.).

Numa outra obra de André Nunes da Silva, *Poesias Várias*, recompilada por Domingos Carneiro, publicada em Lisboa (ainda em vida do autor) em 1671, dividida em “Versos Sacros” e “Versos

¹⁸ Reproduzo, sem atualizar a grafia, a folha do rosto desta obra existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, nºs 3430²² e 3486⁴: *Voto Metrico, e Anniversario, de Cincoenta Sonetos a' Purissima Conceçã da Virgem Maria Nossa Senhora, Compostos desde o anno de 1665 até o de 1705 pelo doutor ANDRE NUNES DA SYLVA, Presbytero do Habito de S. Pedro, e continuados depois da sua morte até o anno de 1715 por outro devoto, et indigno escravo da mesma Senhora*. João Pereira da Silva começa a edição com este rótulo: “Aos Trinta Sonetos da Conceçã de N.S. escritos pelos Doutor André Nunes da Sylva”.

Profanos”, aparecem recolhidos alguns destes sonetos à Conceção da Virgem. Nos poemas do autor existe uma forte presença da tradição clássica literária, apreciável tanto na estrutura como nos temas e nas imagens que compõem o seu universo literário. Entre as formas poéticas tradicionais que Nunes da Silva utiliza, salienta-se o soneto, no qual acata o código tradicional entre a forma semântica progressiva e a forma fónica limitada.

2. Silogismo: origem e classificação.

Para entrarmos na matéria do trabalho, convém lembrar a origem do *silogismo* e a sua formulação. O filósofo grego Aristóteles, nos diferentes Tratados de Lógica que compõem o chamado *Órganon*¹⁹, distingue o silogismo “perfeito” do “imperfeito” nos *Analíticos* (tomo IV) e formula a diversidade de silogismos ou razoamentos: do “demonstrativo” nos *Analíticos* até ao “dialético” e “apodítico” nos *Tópicos* (tomo V) ou o “persuasivo” na *Retórica* (tomo I). Um razoamento é um discurso (*lógos*) no qual, “assentadas certas coisas, necessariamente se dá ao mesmo tempo, através do estabelecido, algo diferente do estabelecido. O processo da dedução partirá sempre do mais conhecido para o menos conhecido” (J. A. Segurado e Campos, 2007:19). O “silogismo dialético”, baseado em proposições verosímeis e cuja finalidade é produzir uma opinião igualmente aceitável, não conclui o verdadeiro, mas sim, o verossímil. Retórica e dialética partilham um mesmo objetivo: convencer, obter um efeito persuasivo; mas diferem, em princípio, pelo método: o “entimema” e o “exemplo” na retórica; o “raciocínio dedutivo”, “silogismo dialético” na dialética. Parece que o silogismo em dialética é o entimema na retórica (Aristóteles:1356b, *apud* Carvalho 2007: 53 e ss.). Segundo esta estudiosa,

¹⁹ Recorde-se que o chamado *Órganon*, (palavra grega que significa “instrumento da Ciência, utensílio”) é um conjunto de seis textos aristotélicos que, no seu conjunto, abarcam a contribuição de Aristóteles para a história da Lógica, de que ele pode ser considerado o fundador. “O título não é da responsabilidade do Estagirita, mas tardio e comum” (J. A. Segurado e Campos, 2007: 15-17) As seis obras que constituem o *Órganon* são: *Categorias*, *Tópicos*, *Da Interpretação*, *Refutações Sofísticas*, *Primeiros Analíticos*, *Segundos Analíticos*.

o interesse em ressaltar que os discursos poético e retórico em Aristóteles apoiam-se na verosimilhança reside em que, do ponto de vista da elocução, a ação do entimema equiparase à ação da metáfora (e também da antítese) e da propriedade imagética que faz a coisa “saltar à vista” [...]. O efeito da metáfora é equiparado ao de um silogismo específico, o entimema.

Um entimema é um argumento que contém pelo menos uma premissa não formulada, habitualmente designada por premissa implícita ou subentendida. Acrescenta Carvalho:

Se a metáfora portar uma relação de antítese é melhor apreendida e, por último, melhor ainda se sua expressão gerar imagens realçantes. O conjunto desses aspetos elocutivos agudos constitui a noção aristotélica do conceito, que será retomado pela poesia seiscentista – na chamada de “conceptista” – na ideia de elocução arguta ou agudeza (2007, 53).

Outro processo de aproximação de semelhantes encontra-se na comparação, se bem manifesta Aristóteles na *Retórica* (livro III, capítulo 10, 1410b10-14) a superioridade da translação sobre a comparação. O mecanismo metafórico persuade operando retoricamente porque ensina algo demonstrado pela analogia das semelhanças encontradas.

3. Análise dos *Sonetos à Conceição da Virgem N. S.*

Sem entrar em mais disquisições pertencentes à Lógica, o modo de raciocínio lógico — verdadeiro ou verossímil dos silogismos — é o que me interessa investigar nos *Sonetos à Conceição da Virgem N. S.*, do autor barroco André Nunes da Silva. Estão escritos com uma retórica ostentosa e marcada pelo

jogo de ideias. Começarei, nomeadamente, pelo primeiro (1671: 22) e pelo décimo soneto (1671: 30), publicados em *Poesias Várias* por Domingos Carneiro e que se encontram nos reservados da BNP. O terceiro poema analisado é o sétimo soneto da outra obra acima mencionada, publicada em 1716, cujo título completo é *Voto Métrico e Anniversario de Cincoenta sonetos À Puríssima Conceyçam da virgem Maria Nossa Senhora*, (ANTT, cód. 3430). Apresentarei mais à frente a relação descritiva.

3.1. À Conceição de N. Senhora

No volume *Poesias Várias*, 1671, (no qual se incluem apenas sete dos “Quarenta Sonetos à Imaculada Conceição” de André Nunes da Silva), o primeiro soneto é intitulado precisamente “A Conceição de N. Senhora” e serve como fundamento essencial para se entrever grande parte dos poemas posteriores.

A apresentação do Mistério da Imaculada Conceição —como princípio estruturador— torna-se evidente partindo de certa perplexidade e ambiguidade; o *eu* sujeito poético aproveita a opção lógica-silogística para conseguir plasmar essa opacidade do mistério e a consequente clarificação. Este primeiro soneto, “A Conceição de N. Senhora”, oferece, do início ao fim, uma metáfora — intrínseca ao conceito e participante da sua íntima substância — que constitui o sustentáculo formal do pensamento em que se baseia todo o poema: “a metáfora da escrita” (Pires 2003: 211). As duas estrofes iniciais funcionam como introdução e descrição de uma determinação tomada por Deus Padre, criador e misericordioso, que mais tarde se dará a conhecer, focalizada, sobretudo, em como se efetivou a Sua decisão. A primeira quadra do soneto maravilha com a ideia de estarmos perante a maior vontade divina, visto que, por um “real decreto” do trono sagrado do Amor eterno, foi promulgada a salvação de todo o ser humano. Como consequência deste “decreto” e da sua concretização, existirá um consolo para o angustiado mortal visto que, apesar de naufragar no mar proceloso, conseguirá salvar a vida:

No decreto mayor, ´q do eminente
Sacro solio, alcãçou o Amor cõstãte
A favor do Universo naugragãte,

Que agonizava lastimosamente²⁰

O Amor eterno e contínuo que é o Pai Todo-Poderoso projetou o "decreto". A mão d'Ele é que guia a escrita como manifestação desse "amor constante"; à segunda pessoa da Santíssima Trindade, o Filho Jesus Cristo, corresponde o verbo, a "palavra" necessária, imprescindível para se manifestar; do Espírito Santo procede o instrumento com o qual foi escrito esse "decreto" para salvar o mundo do pecado, "a pena"; e a Virgem, a Imaculada Conceição é "o papel" sobre o qual escreve a mão divina, é como a terra fértil em que se semeia a "palavra":

O Padre poz a Mão onnipotente,
A penna concedeu a Pomba amante,
Foi o Verbo a palavra relevante,
E o papel foi Maria mais decente.

Através de uma estrutura condicional que se encontra no primeiro terceto, o *eu* sujeito lírico começa por provocar uma estranheza em forma de exclamação-interrogação retórica: "Como, pois!...". Esta frase dará pé a uma inferência lógica que se haverá de esclarecer a seguir; Nunes da Silva serve-se da análise racional para chegar à conclusão. Sendo a Virgem Maria o "papel" em que se escreve o "decreto" maior do Pai, a maior dádiva da "mão" do Amor constante e do Espírito Santo ("a pena"), Ela não podia conter mácula nenhuma desde o seu nascimento até à morte. Na matéria, nesse "papel" em que se escreve a "palavra" (o Filho), estará a resposta à questão retórica de que o autor se vale nesta estrofe:

Como pois! Sendo taes, neste traslado,
A Mão, a Penna, & a Palavra, havia
O Papel deste assumpto ser manchado.

²⁰ Mantenho a grafia conforme aparece em *Poesias Várias* (1671).

Obviamente, era impossível que o “papel” estivesse maculado. Deste modo a questão retórica dá pé à conclusão final no último terceto que resolve o raciocínio do soneto. O Verbo, a Palavra de Deus, escreve-se (faz-se carne) precisando de um papel. A misericórdia de Deus começou a construir para si a morada de um corpo no seio da Virgem; tomou do corpo da Virgem a carne destinada à redenção do homem. O Senhor abençoou a terra para morar corporalmente — terra que, neste poema, é metamorfoseada no “papel”. O raciocínio dedutivo preside ou condiciona praticamente a totalidade do poema, apesar de nem sempre termos consciência de ser um silogismo que se vai construindo. Às vezes, o que aflora com mais facilidade é apenas a conclusão: a Virgem Maria, metaforizada no “papel” em que se escreveu o “decreto”, tinha de ser pura, imaculada, sem nenhum borrão.

O Pura sempre, ó singular Maria,
Mal o borram teria do pecado
O papel em que o verbo se escrevia.

Garcia (2000: 311) explica que o argumento dedutivo é aquele que se desenvolve de premissas prévias para chegar a uma conclusão particular. Uma das formas mais importantes de argumento dedutivo é o “silogismo”. Neste processo inscreve-se o poema comentado: as três pessoas da Santíssima Trindade que escrevem o “decreto” são divinas, puras; a Virgem é o “papel” em que se escreve; logo a Virgem também teve de ser divina, pura desde a concepção.

3.2. A Vós divina & singular Maria

O seguinte soneto de Nunes da Silva que vou comentar [“A Vós divina & singular Maria”] corresponde ao décimo poema existente em *Poesias Várias* (1671: 30). Foi apresentado num

certame literário aquando da reabertura da “Academia dos Singulares de Lisboa”, 1668, e está composto por vários silogismos hipotéticos, condicionais na sua maioria. A figura retórica sobre a qual recai este segundo soneto analisado consiste, novamente, numa metáfora: a metáfora do jardim e as flores. Existe uma relação de semelhança conceptual entre três tipos de flores: as rosas (contas) do Rosário, reza mariana por antonomásia; as rosas como flores naturais; e, finalmente, as flores (os poemas) do vergel da Academia realizadas pelos singulares poetas. Este soneto, sem título, que se inicia com “A Vós divina & singular Maria”, constrói-se mediante o estabelecimento de um jogo homonímico, de grande efeito retórico. Através da primeira quadra já se adverte uma inter-relação metafórica entre as flores do Rosário e as flores da Academia, que será desenvolvida e repetida no resto do poema. É a Virgem Maria que proporciona as qualidades próprias das flores e da Academia, a “fragrância” e a “elegância”, que advoga pelos poetas e a quem se dedicam os atributos no primeiro verso do poema. O soneto apresenta uma estrutura clássica de rima, ABBA ABBA CDC DCD (predominantemente em decassílabos de gaita galega²¹) Os vocábulos “fragrância” e “elegância”, situados no fim do primeiro e do quarto verso, estabelecem entre si uma rima pobre; a rima do segundo e do terceiro versos, no entanto, é rica, composta por um substantivo e um verbo: “Maria” e “devia”. Interessante escolha que faz com que saibamos que se vai desvendar ao longo de todo o poema a relação intrínseca entre o dever da Academia que renasce e a eleição da sua padroeira.

Fazendo uso de grande hipérbato, começa o poema por um complemento direto — que se inicia por uma preposição, tal como é habitual quando se diz “Amar a Deus” — (“A Vos divina e singular Maria”), cujo verbo apenas aparece no último verso da quadra (“*Eleger* por amparo só *devia*”), precedido —no terceiro— pelo sintagma nominal com função de sujeito (“Este jardim das flores da elegância”). O *eu* poético utiliza a metáfora do jardim edénico para realçar a gentileza própria da Academia dos Singulares e, sobretudo, dos frutos que estes produzem. A primeira estância termina explanando a “obrigação” que tinham os poetas da Academia de procurarem proteção divina e que, por

²¹ O decassílabo de gaita galega (ou moinheira) apresenta as sílabas tónicas nas posições 4^a, 7^a e 10^a.

isso, escolheram como padroeira a “divina e singular Maria”, portadora e transmissora do aroma das flores:

A Vós divina, & singular Maria,
 ´q do Rosario ás flores dais fragãcia
 Este jardim das flores da elegãncia
 Eleger por amparo só devia.

Com um virtuosismo léxico-conceitual que, num movimento ondulado, vai do Rosário para o roseiral e do princípio da vida para a aurora da Academia, o sujeito lírico continua a dar mais motivos para os membros dessa Academia dos Singulares escolherem à honrada Virgem:

Aurora sois, que igual as cria,
 E he bem, que aquella mesma polulãcia
 Que ao vergel do Rosario foi ganãncia,
 Seja logro ao jardim da Academã.

Os conceitos, flores do juízo, identificam-se com os poetas da Academia, em particular e com os do século XVII, em geral.

Tal e como vimos no poema anterior, “A Conceição de N. Senhora” o primeiro terceto começa, em termos sintáticos, por uma oração condicional e, em termos de lógica, por uma inferência dedutiva, levando uma e outra, na última estrofe, a uma conclusão em que se sublinha a razão pela qual Maria deve presidir a Academia dos Singulares que reabre os seus afazeres:

Se ás flores sois amparo necessário,
 Como diz do Rosario o Paraizo,
 E os cõceitos são flor no lindo, & vario

Bem vosso amparo intentam, ´q he preciso
 Se presidis ás do Rosario,
 Que presidais ás flores do juízo.

Os dois últimos versos, iniciados pela conjunção subordinativa condicional, servem de corolário, que — na Lógica e na Matemática — é uma afirmação deduzida de uma ou duas proposições já demonstradas.

3.3. Ao pè da Cruz em pè, firme, & constante.

O terceiro e último poema que me proponho abordar nesta comunicação é o soneto ["Ao pè da Cruz em pè, firme, & constante"] contido no *Voto Metrico, e Anniversario* (1716: ms. 3430²², ANTT, soneto VII), e que não está incluído nas *Poesias Várias*. André Nunes da Silva retoma neste poema o assunto que vimos no primeiro soneto comentado, isto é, a determinação tomada por Deus de enviar o Filho, gerado na Virgem pura, para a salvação do mundo "naufragante". A perspectiva é que muda consideravelmente: não se contempla o momento positivo e alegre em que a Segunda Pessoa da Trindade é engendrada no seio de Maria, mas a dor da Mãe de Cristo, que agora se une a Ele na paixão e morte porque conhece a missão redentora do Filho e da qual é corredentora. Uma Mãe forte que, assistindo à morte na Cruz, sofre imensamente, mas não se amedronta:

Ao pè da Cruz em pè, firme, & constante,
Da Redempção no excesso peregrino
Esteve a Mãe do Redemptor Divino
Quando o mundo jazia naufragante.

A mitologia, muito recorrente na poesia deste autor e em todo o século XVII, fornece mais algumas características da Mãe corredentora: valia, fortaleza e divindade como o "valeroso Atlante".

Columna imóvel, valeroso Atlante
Com peyto mais que humano, diamantino,
Acompanhou ao Redemptor benigno
Quando ao mundo remia agonizante.

A partir do primeiro terceto começa novamente uma oração subordinada condicional, a qual mostra o contraste evidente entre o mundo que jaz, herdeiro de Adão e do seu pecado, e Maria que fica em pé:

Se pois em pè Maria, & se prostrado
O mundo jaz, nestes diversos modos,
A que a culpa de Adam os reduzia,

Nos mostra bem o Redemptor sagrado
Que se como a cahidos rime a todos,
Como a quem naõ cahio, rime a Maria.

Nota final

À maneira de conclusões, necessariamente provisórias, entendo que os trinta sonetos à Imaculada Conceção foram e continuam a ser referenciados na atualidade sem se indicar o seu local de impressão nem impressor, sem citação de algum poema desta obra nem referências à paginação. Sendo assim de difícil acesso, a construção silogística que sucintamente analiso remete, por facilidade de consulta, para a segunda edição.

Os poemas colocam, regra geral, a debatida questão da virginal concepção da Mãe de Deus quer seja através de metáforas, comparações, antíteses quer seja através de interrogações retóricas, mas sobretudo, com frases condicionais, cuja resposta-conclusão final é facilmente deduzida do que foi exposto nos versos anteriores do soneto.

BIBLIOGRAFIA

- Aristóteles (1987): Aristóteles, *Tratados de Lógica (Órganon)*, introd, trad. y notas por Miguel Candel Sanmartín, 2 vols., Madrid, Gredos.
- Aristóteles (1990): Aristóteles, *Poética*, trad. Eudora de Sousa, 2ª ed., Maia, IN-CM.
- Aristóteles (2006-2007): Aristóteles, *Obras Completas de Aristóteles*, coordenação de António Pedro Mesquita, 8 vols., *Retórica*, 3ª ed., vol. VIII, tomo I. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Aristóteles (2007): Aristóteles, *Tópicos*, tradução, introdução e notas de J. A. Segurado e Campos, vol. I, tomo V, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Bem (1792): Thomas Caetano de Bem, *Memórias Hist. e Chron. Dos Clérigos Regulares*, I, Lisboa, Régia Oficina Tipográfica.
- Carvalho (2007): Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, *Poesia de agudeza em Portugal. Estudo retórico da poesia lírica e satírica escrita em Portugal no século XVII*, São Paulo, USPI. Disponibilizada pela Biblioteca Digital da Universidade Estadual de Campinas no site: http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls00031826_2 [última consulta a 12-09-20013].
- Castello-Branco (1852): José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello-Branco, *Estudos biographicos, ou noticia das pessoas retratadas nos quadros historicos pertencentes á Bibliotheca Nacional de Lisboa Estudos Biographicos*, Lisboa, Loja do Editor S. A. da Silva.
- Castro (1973): Aníbal Pinto de Castro, *Retórica e teorização literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos.
- Ferreira (1718-1721): Francisco Leitão Ferreira, *Nova arte de conceitos*, Lisboa, Oficina de António Pedroso Galvão.
- Gottardi (2001): Ana Maria Gottardi, *Jorge de Sena. Uma Leitura da Tradição*, São Paulo, Arte & Ciência Editora.
- Moisés (1966): Massaud Moisés, *A Literatura Portuguesa*, São Paulo, Editôra Cultrix.
- Moisés (1997): Massaud Moisés, *As Estéticas Literárias em Portugal-*

Séculos XIV a XVIII, Lisboa, Caminho.

- Pires (2003): Maria Lucília Gonçalves Pires, *Poetas do Período Barroco*, Lisboa, Edições Duarte Reis.
- Real Seminario de Nobles (1778): *Exercicios literarios de rudimentos de lengua latina y francesa, de poética...* Madrid, Imprenta de la viuda de Ibarra.
- Sena (1965): Jorge de Sena, "Manierismo e Barroquismo na Poesia Portuguesa dos Séculos XVI e XVII", *Luso-Brazilian Review*, 2.
- Silva (1695): André Nunes da Silva, *Voto Métrico, e Anniversario à Conceição da Virgem Nossa Senhora*, Lisboa, Officina de Manoel Lopes Ferreira.
- Silva (1716): André Nunes da Silva, *Trinta Sonetos a' Purissima Conceyçam da Virgam Maria Nossa Senhora*, Lisboa, Officina da Pascoal da Sylva.
- Silva (1726): André Nunes da, e outro, *Voto Métrico e Anniversario de Cincoenta Sonetos a' Purissima Conceyçam da Virgam Maria Nossa Senhora*, Lisboa, João Pereira da Silva.
- Silva (1858): Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, I.
- Topa (2000): Francisco José de Jesús, *Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos*, Tese de Doutoramento, Universidade do Minho.
- VVAA. (2001): *História e Antologia da Literatura Portuguesa, Século XVII*, Lisboa, Fundação Gulbenkian.
- López (2000): Luis Xavier López Farjeat, "El silogismo poético y la imaginación en Alfarabi", *Tópicos. Revista de Filosofía*, Edición 18, pp. 97-113.